REVISTA UNIVERSAL.

N.° 6.

ESTE JORNAL SAHE TODAS AS QUINTAS FEIRAS. ASSIGNA-SE PARA ELLE NAS LOJAS DO COSTUME, E NO ESCRIPTORIO DA REDACÇÃO, TRAVESSA DA VICTORIA N.° 29, ESQUINA DA RUA DOS DOURADORES POR 12 NUMEROS 480, POR 24.... 960, POR 52.... 1920 REIS.

Quinta feira 17 de Fevereiro de 1842.

Causas a todos notorias impediram a publicação da *Revista Universal* na semana anterior.

A redacção da REVISTA UNIVERSAL acceita, agradece, e publica toda e qualquer noticia fidedigna e interessante, que lhe seja enviada, mórmente as de que possa resultar credito, instrucção, ou outro qualquer aproveitamento para Portuguezes.

Roga-se aos Senhores Assignantes de Lisboa que não entreguem quantia alguma aos distribuidores senão contra o competente recibo impresso, e assignado pelo Editor.

DIARIO METEOROLOGICO DESDE 1 ATE 8 DE FEVEREIRO DE 1842.

Dias do Mez.	Termom.° Exterior.		Barometro.		Pluvimetro.	Ventos dominantes e sua força.	ESTADO DA ATMOSPHERA.
	Minm.°	Max.°	9 h. m.	3 h. t.			
1	39°	57°	762,0	759,8		B.	Claro — Frio e seco.
2	39	57	59,4	58,0		[1]N	Id. Id.
3	40	57	60,0	58,8		NE, SO.	Id. Id.
4	40	58	58,0	56,3		NE. V.	Id. — Claro e nuvens.
5	45	60	54,0	52,5	1	B. O[1]	Cob.° e chuva de brandos aguaceiros.
6	50	56	46,9	45,5	19	[2]SO	Cob.° e chuva de aguaceiros abundantes.
7	44	56	50,2	49,0	2	[1]NO. [1]N.	Cob.°, pequenos aguaceiros, e alguns claros.
8	46	61	53,7	53,0	3	SO. S.	Id.......... Id.

A primeira quadra deste mez permaneceu até 4, sendo frias as madrugadas e noites; porêm amenos os dias, com o ceo perfeitamente claro, ar seco, e ventos do norte. Mudou a 5 para temperatura macia, ar muito humido, ceo coberto e chuvas de aguaceiros, que forão abundantes a 7, soprando ventos moderados do mar. M. M. F.

CONTABILIDADE AGRICOLA.

FRANÇA.

72 Um dos grandes males que ordinariamente acompanham aos agricultores é a completa ignorancia de contabilidade agricola; confião-se unicamente no ramerão, e será para a maior parte delles uma loucura, uma lembrança irrisoria, o querer reduzir a cifras de receita e despeza os trabalhos e productos de qualquer genero de cultura.

as suas avaluações são sempre feitas a olho, e os seus calculos de receita e despeza, ou são mentaes, ou leva-los com tal imperfeição, que nem elles proprios lhes podem assignar um resultado verdadeiro. E quantas vezes se não esquecem elles de classificar como despeza certos trabalhos, certas fracções das despezas geraes, que pertencem exclusivamente á cultura de um genero, que era preciso avaluar rigorosamente? E então figurão-se-lhes lucros fantasticos nesta especie de cultura, mas lá vai o balanço geral empobrecel'os, desgraçal'os, ficando na absoluta ignorancia de donde lhes vem o mal, e attribuindo-o a bemfeitorias que não fizeram, ou a roubos que não existiram.

Pergunte-se a um lavrador pela sua receita e despeza; pelo preço por que lhe sahem os cereaes; e quanto espera, ou póde ganhar nelles, tendo em vista o preço do mercado; responderá que não sabe, e se alguma cousa se affoutar a dizer, será tão incerta para quem lh'o perguntar como para elle mesmo.

Mas a agricultura é uma industria; e qual será o fim do emprezario, do dono, ou administrador de uma fabrica, quando não souber calcular ao certo o preço por que sahiram fabricados todos os seus tecidos, ou estes e aquelles de certa natureza e qualidade? A sua perda será quasi inevitavel; e se o não fôr, ficará sempre ignorando qual é, entre os muitos em que se emprega, o genero de fabrico que mais lucros lhe póde deixar. A' imitação do fabricante, o lavrador, ainda quando se não arruine, ignorará quasi sempre qual é o genero de cultura de que mais lucro lhe provém.

Querer levar a contabilidade agricola a uma perfeição theorica, é uma chimera a que não aspiramos, nem sequer a julgamos compativel com os trabalhos praticos de um agricultor; mas ensinar-lhe um meio facil, e clamar-lhe pela necessidade de o adoptar, de o pôr em pratica, para evitar graves prejuisos, para preferir a cultura que mais lucro lhe der, e para conhecer finalmente o augmento ou decadencia da sua fortuna, é um dever que nos cumpre como amantes da industria agricola, como philantropos, e publicos escriptores.

Que custa ao agricultor que sabe ler, escrever, e contar, o ter um livro para cada um dos artigos que ordinariamente cultiva? no das vinhas, por exemplo, vai lançando as despezas annuaes de cavas, de podas, de mondas, de vendima, de feitoria do vinho etc.; nos dos outros artigos de cultura, o mesmo, e tudo o mais bem calculado possivel, fazendo especialmente uma bem distincta e exacta avaluação dos jornaes, que é o que mais confusão póde admittir. Que lhe custa ter outro livro em que lance todas as despezas geraes, de jornaes, estrumes, lavouras etc. etc., em cada anno, a que se póde chamar *agricola*, e que bom seria contar do primeiro de outubro até o ultimo de setembro do anno seguinte? tendo o cuidado de confrontar a miudo a somma destas despezas geraes com as differentes sommas das despezas parciaes dos diversos artigos que se cultivão? Que lhe custa o ter outro livro mais (só tres ao todo), em que methodicamente escreva toda a receita proveniente das vendas, do consumo caseiro, do alimento dos gados, das sementes, bem como dos remanescentes que ficarem por vender nos celleiros, nas adegas, palheiros, etc., avaluado tudo pelos preços do mercado, bem classificado e separado em os differentes generos de cultura, e calculado naquelle anno *agricola*.

Se se confrontar no fim d'elle a totalidade da receita de cada genero de cultura com o seu competente livro de despeza, encontrar-se-hão na differença das duas sommas, os lucros ou perdas que offereceo aquelle genero de cultura.

Se se confrontarem tambem entre si os outros dois livros, haver-se-hão, pela differença das sommas annuaes, os lucros ou perdas que houver na totalidade.

Tal é o methodo que ousamos inculcar; posto que não seja erriçado de theorias, é todavia sobejamente aproximado, se tudo se escrever em seu competente logar, e nada esquecer, nem ainda as avaluações do consumo caseiro, bem como as das sementes, as quaes devem ser lançadas pelo seu valor no livro competente de despeza daquelle genero de cultura, e no livro da despeza geral, logo que são deitadas á terra; e igualmente lançadas em receita, no livro unico de receita geral, pelo valor do mercado, quando são guardadas para o anno seguinte.

Aos cultivadores instruidos que mais quizerem ver sobre este assumpto, aconselhamos que comprem, se o acharem por cá, ou mandem vir de França, um livrinho em oitavo que acaba de obter para seu auctor um premio de cento e sessenta mil réis; é seu titulo «Comptabilité rurale, théorique et pratique, par M. Armand Maló, Professeur à l'E'cole royale des haras.»

F. A. M. P.

OLIVEIRAS.

A falta de humidade nas raizes será a causa de não vingar a azeitona?

FRANÇA. PORTUGAL.

73 Um agricultor, que bastante ha lidado com oliveiras, depois de haver lido attentamente o artigo 138 do n.º 7 do anno passado da Revista Universal, e haver combinado o seu contheudo com varias observações, suas, e alheias, reflectiu tambem maduramente sobre o objecto que forma o titulo do presente artigo.

Diz assim a *Revista* na parte a que alludimos.

» Todos os annos vemos muitas das nossas arvores fructiferas revestir-se d'um sem numero de flores, com que se alegrão os campos, e mais se alegrão seus donos; mas logo de após vem a tristeza de as ver cahidas, alastrando a terra, antes do fructo vingar; não que as arranque, e destróce o açoite dos ventos, ou das chuvas, mas por mingua das arvores, ou por fraqueza, e vicio, das mesmas flores. Bom, e facil remedio, dão os agricultores francezes a este transtorno das leis, e fins da natureza. ! Oxalá que entre nós seja elle de tanto prol, como nos asseguråo ser por lá! Como as flores, ou fructos pequeninos comecem de cahir, alagai-me com bastante agua os troncos das arvores todos os dias ao pôr do sol, por fórma, que possão conservar a humidade pela noite, perseverando na diligencia até que o fructo arribe a gráo sufficiente de vigor, e saia salvo. Muitos *Sabios da escriptura* nos dão razão d'este segredo, com dizer, que a humidade, que pelos póros do tronco se entranha, vai como que amamentar a arvore; outros entendem, que esta humidade gera com o ar da noite uma friagem geral em toda ella, e que por uma especie de torpor se demora a seiba em os ramos mais altos, e sustenta a flor. Como quer que seja, se é corrente entre os pomareiros, que a réga á boca da noite é das mais prestadias, claro parece, que o amplial'a das raizes ao tronco não deixará de produzir boas vantagens.»

Esta doutrina dos agricultores francezes, demostra-se por factos da producção das nossas oliveiras.

Um proprietario nosso, indo em agosto de 1840 de Villa Nova da Rainha para as Caldas, fez diversas observações nas oliveiras que encontrou pela estrada, afim de se esclarecer sobre as variedades que se encontrão na producção, crescimento, estado de decadencia, ou molestias desta arvore importante.

Ao sahir de Villa Nova, e passada a ponte, encontrou umas poucas de oliveiras velhas com grandes montes de terra em roda dos troncos, e vio-lhes os ramos muito viçosos, e carregados d'azeitonas; ao mesmo tempo que outras que lhes ficavão proximas, mas com as quaes se não havia procedido de igual maneira, não appresentavão, nem igual viço nem igual porção de fructo.

Sem haver ainda então lido o artigo, ou doutrina, da *Revista Universal*, concebeu todavia que o viço, e a conservação da azeitona em poucas oliveiras, n'um logar em que havia immensas, era devido á conservação da humidade no tronco e raizes. Esta mesma opinião lhe foi confirmada por outra observação na Villa das Caldas, em um passeio que deu a um quintal onde havia uma copiosa fonte; junto á porta da primeira casa contigua á estrada que vai pelo poente, do passeio publico para Obidos, ha um vallado que divide aquella propriedade d'outra; neste vallado está uma oliveira com parte do tronco enterrada no logar mais baixo; pois esta oliveira dá muita azeitona, ao mesmo tempo que as que ficão mais altas, e junto á estrada, apezar de se acharem viçosas e bem conservadas, não dão fructo. Igual observação se fez em Torres Novas, em cujo concelho, apinhado de grandes e formosos olivaes, se averiguou que naquelles que ficavão em terrenos seccos e aridos não vingára a azeitona em 1841, por causa dos grandes calores que sobrevieram no principio do verão, em quanto os olivaes collocados em terrenos mais succolentos, e com a necessaria humidade para as raizes das oliveiras, produziram muita azeitona: foi só nestas ultimas que por aquelles sitios se fez a colheita, porque as dos terrenos seccos nada produziram.

Parece por tanto certo que as oliveiras (e ha quem diga tambem que as larangeiras) que estão plantadas em terrenos pouco succolentos, precisão ser regadas, e carregadas de montes de terra em roda do tronco, afim de que as suas raizes se provejão de humidade, e os fructos vinguem, se um calor maior extrahir da terra os succos necessarios á vegetação.

Haverá talvez quem redargúa que esta cultura se torna assim dispendiosa, e mais cara se tornará se os olivaes não produzirem proporcionalmente. Respondemos que este serviço pode ser feito por empreitada, e que os empreiteiros, ou por meio de carros, ou lavrando, com taboas nas grades, podem amon-

toar com promptidão junto das oliveiras a terra necessaria. Se esta prevenção e cultura não aproveitar em um anno, aproveitará em outro, e servirá de amanho ao terreno que póde produzir qualquer cereal, ou tremoços; estes lhe conservarão muito a humidade se quando estiverem para lançar a flor, forem cortados e mettidos debaixo da terra, servindo ao mesmo tempo de estrume humido ás plantas que no mesmo olival se semearem. O tremoço nunca se deve deixar seccar na terra, porque em lugar de lhe dar succos, lh'os extrahe. Aos lavradores que não quizerem semeal'os em seus olivaes, convir-lhes-ha semear n'elles ervas, e fenos, de qualquer qualidade, que deverão cortar em verde, seccar, e guardar, para sustento dos animaes, na fôrça do calor e do frio. A terra não fica muito cançada quando se lhe cortão os fenos em verde, antes pelo contrario fica disposta para receber nova sementeira no anno seguinte.

C. X. P. B.

INSTRUMENTO PARA SE AVERIGUAR A PUREZA DO LEITE.

PARIS.

74 Em o nosso artigo 280 do volume precedente disseramos que a Prefeitura de Paris pedira ao Conselho de Saude Publica algum meio prompto e efficaz para se conhecer, e graduar, a adulteração do leite. *Quevesne*, Boticario do Hospital da Caridade de Paris, acaba de resolver o problema.

O modo por que os vendedores de leite ordinariamente o falsificão, é deitando-lhe agua e farinha (o uso de miôlos de animaes, e outros ingredientes, é muito raro): era logo necessario determinar exactamente a densidade do leite no seu estado natural, e ter maneira de provar se qualquer mudança que se apresenta dista d'esse tal estado, e quanto, e em que. A tudo isso responde o invento do Boticario; *lactodecimetro* é o nome que lhe poz; assemelha-se ao areómetro de que usão para pesar alcohol; mette-se no leite, e segundo n'elle se mergulha, mostra logo pelos numeros que no tubo tem marcados, a sua densidade ou peso especifico.

O leite puro, segundo o sistema do auctor, é indicado pelos numeros 33 até 36; em menor gráo tem agua, e tanto mais agua quanto o gráo é menor.

R. L.

NOVA LEMBRANÇA A' CAMARA MUNICIPAL.

LISBOA.

75 Houve em Portugal, e principalmente em Lisboa, nos tres ultimos seculos, epidemias, febres contagiosas, e até pestes, que mataram milhares de pessoas, e deram occasião a que se fizessem de noite procissões de penitencia á Senhora da Penha de França.

Todos sabem hoje que similhantes molestias erão devidas em parte aos despejos lançados de toda a parte no meio das ruas, que raras vezes se achavão limpas, á immundicie e porcaria das casas, pessoas, e roupas, á má construcção dos edificios, e falta de agua boa, que chegasse no verão para todos os usos e necessidades domesticas.

E' pois da maior utilidade que toda Lisboa seja abastecida de boa agua, não só para os usos que mencionámos, mas tambem para que se estabeleção banhos publicos, que são d'absoluta necessidade em terras como as nossas, em que tanto se transpira, o que produz certas côstras na pelle, que precisão de lavagem, afim de que os poros dêem logar ás exhalações do corpo, e se evitem graves molestias. E' pois necessario aproveitar todas as aguas das fontes de Lisboa, e não consentir que escôem ao Tejo senão quando forem inuteis.

A agua do chafariz da Praia, junto ao Terreiro do Trigo, é a melhor da capital para beber; seria pois conveniente que nem uma gotta se deixasse escorrer para o mar, fazendo para esse fim um encanamento em direitura ao chafariz d'ElRei, e distribuindo-a, depois de fornecidos os moradores d'aquelles sitios, por toda a extensão da cidade, desde o Terreiro do Trigo até o Terreiro do Paço, Largo do Pelourinho, Rua do Arsenal, Largo do Corpo Santo, Rua direita de S. Paulo, Boa vista, e Largo do Conde Barão.

Dos acquedutos deve passar para grandes pias de pedra construidas em praças grandes ou ruas largas; devem estas pias ter tampas de páo para que de noite se fechem; as vasilhas que dentro se lhes metterem devem estar bem limpas, não deverão beber n'ellas animaes, nem fazer-se ahi lavagens algumas. Podem tambem estar altas, e cobertas com tampas de pedra, pondo-se-lhes torneiras grandes de bronze na parte inferior: assim se poderá ir buscar agua a qualquer hora. Depois de cheias as primeiras pias, lançarão a agua excedente para o encanamento

e assim se encherão successivamente todas as outras pias até á ultima, que deve ser collocada no Largo do Conde Barão.

Entendemos que a Camara pode ir pouco a pouco fazendo estas obras; collocando a agua junto das praças e ruas mais populosas fará com que um barril d'agua, que hoje custa 15, e 20 réis, não passe de 10; e até esta se torne gratuita para a gente pobre que se resolverá a ir buscal'a quando a distancia fôr pequena. Dir-se-ha que tal obra induzirá em grandes despezas, com que não podem as rendas do Municipio; pois imponhão o tributo de 5 réis sobre cada barril que se tirar dos depositos, e todos preferirão pagal'os a mandar buscar a agua ao chafariz d'El-Rei, ao Loreto, ou Largo do Carmo. Haverá até muita gente, que queira receber um deposito d'agua de certa dimensão, pagando á Camara uma somma, o que será de grande utilidade para as casas de banhos publicos, officinas, e outros estabelecimentos, aos quaes virá a sahir a agua muito mais em conta. A contribuição da Camara terá pois por immediato resultado pagar-se da obra que inculcamos, tornar a agua talvez mais barata, e evitar que bastante dinheiro se nos vá para Galliza.

A Camara em dous annos poderá tirar da contribuição de 5 réis por barril d'agua, a despeza que fizer com o aqueducto e depositos de pedra, pois que a fiscalisação da contribuição será feita de fórma que os recebedores d'ellas não possão distrahir nem 5 réis d'um barril d'agua. Lembramos para este effeito um engenho, que existe no Tunnel, ou ponte submarina de Londres, o qual deixa cahir uma pedrinha quando entra qualquer pessoa em uma róda que se acha no cimo da escada, o que dá a conhecer ao fiscal o numero de schelins, que deve pagar o guarda, pelo numero de pedras que encontra no deposito.

O aproveitamento da agua das duas fontes, impedindo que uma só gotta vá ao Tejo, abastecerá uma grande parte da Cidade, e dará lugar a que se possa dispensar das aguas livres a sufficiente para fazer um chafariz no alto do Rocio, ou dentro do Thesouro queimado, outro no largo que fica defronte da igreja de Santa Izabel, outro junto á igreja da Lapa, por serem estes lugares o centro de bairros muito habitados d'onde se vai buscar agua a grandes distancias, o que fará tornar-se esta mais barata, e menos custosa de levar ás casas. Estes projectos devem cessar se poder mostrar-se, que os poços artesianos dão agua boa para beber, o que será materia para outro artigo.

Persuadimo-nos que em alguns logares de Lisboa se encontrão a pequena profundidade grandes lençóes d'agua, e que será boa para beber; se a dos primeiros lençóes o não fôr, selo'-ha talvez a dos segundos ou terceiros. ¿ Mas poderá obter-se que o lençol d'agua melhor e mais pura, venha pelos tubos á superficie, sem se juntar com a dos outros lençoes d'agua menos pura? talvez; e muito convem que em similhante objecto se medite, sem que se desampare a resolução de abrir novos poços artesianos, pois sendo provavel que se ache agua boa com pouco trabalho e despeza, escusado é tentar por emquanto poços que induzão em grandes gastos.

Muitos bairros de Lisboa, distantes de chafarizes, precisão de poços artesianos, que devem abrir-se onde haja mais probabilidade de apparecer agua boa, e a pequena profundidade. Informão-nos que no Largo da igreja de Jesus, ou dentro da cerca, mais para a parte do Poço Novo, se achará com facilidade e pouca despeza, boa agua, que abasteça este bairro populoso, que a vai buscar bastante longe, ao arco de S. Bento, ou á Rua Formoza, o que é muito incommodo, e caro. Junto á Lapa ha grandes vertentes das immediações sobranceiras, e devem necessariamente existir por ali grandes lênçoes d'agua, que, se estiverem pouco fundos, poderão multiplicar os poços por aquella encosta, até ás Necessidades. Na praça das Flores tambem pode achar-se agua com facilidade, e será de grande economia para aquelle bairro. Nos Largos do Convento de S. Vicente, e suas immediações, devem tambem fazer-se poços, que decerto custarão pouco, e fornecerão de boa agua um bairro que tanto d'ella precisa. Um poço artesiano emfim com boa agua é barato ainda quando custe muito dinheiro. No bairro de S. Germano, em Paris, abrio-se um, que custou treze contos de réis, em rasão da grande profundidade a que estavão os lençoes d'agua; mas deu-se a despeza por bem empregada, ficando aquelle bairro abastecido de excellente agua.

Lembraremos por fim outro alvitre, o das associações nos bairros em que for necessaria a abertura de poços artesianos. Ainda quando esta importe em dez, vinte, ou trinta moedas, caberá tão pequena somma a cada morador, que não excederá talvez o custo da agua que paga em uma semana, ou n'um mez. As differentes associações que se formarem para este fim deverão pedir a ElRei que se digne emprestar a machina, ou machinas, que mandou vir, e procurar homens que saibão trabalhar, e abrir sem demora, pelo

menos, um poço em algum dos lugares indicados.

Recommendamos este assumpto aos nossos Camaristas, e de sua reconhecida philantropia esperamos activas providencias sobre elle.

C. X. P. B.

HYGIENE.

76 Muitos são os meios publicados para conservar a saude, e prevenir a doença.

Todos convém que estes meios devem variar segundo as circumstancias de cada individuo, e segundo as estações do anno.

Com muita rasão se aconselha que no inverno andemos mais abafados que no verão; e todos que podem assim o praticam, pela propria experiencia que cada um possue, sem que para isso consulte os médicos. Os corpos tendem constantemente a equilibrar-se em temperatura; ora, sendo o ar no inverno incomparavelmente mais frio que o nosso corpo, aquelle continuamente rouba a este o seu calor, o qual de todo, e em breve, se extinguiria, se por meio de vestidos appropriados nos não precavessemos de seus rigores.

Cabe aqui, bem a talho de fouce, o grande despreso em que deve ser havida a miseravel critica feita ao excellente *panno feltro*, que nenhum póde igualar, em effeito, e economia, na estação actual. (1)

Do bom agazalho da pelle resulta conservação do calor n'ella, e actividade da circulação capillar, que regula as suas funcções, e cuja diminuição e estagnação produzem as mais graves molestias, que na presente estação accomettem a humanidade.

Todos dizem, e com rasão, que as constipações são a causa ordinaria de mui perigosas doenças; e que é uma constipação? um esfriamento que rompe o equilibrio entre as funcções exteriores e interiores: logo que a pelle esfria consideravelmente, cessa a transpiração insensivel; contrahem-se, ou fechão-se, os poros, por onde são eliminados do corpo os fluidos que já lhe não servem para ajudar a sustental'o, que antes lhe são nocivos, e por isso entrão na classe dos excrementicios; o sangue, que nos vasos capillares entretinha o calor á superficie, é repellido para o interior; e d'ahi vem as congestões nas visceras, as inflammações, etc. etc., para cujo tratamento a principal medicina (e a mais efficaz) consiste em promover a transpiração; isto é, restituir á pelle a acção ou a porção de vida que o frio lhe fez perder. Por isso as fricções, ou esfregações seccas, por toda a superficie do corpo, a cobertura, o calor introduzido na cama, por meio de vasos appropriados contendo agua bem quente, as bebidas aquosas abundantes e quentes, são, em geral, os melhores remedios, para curar uma constipação. Outro remedio ha superior a todos estes — os *banhos de vapor*. — Com elles promptamente se chama á pelle o sangue que o frio repellio para o interior; se desobstruem, pela transpiração, os vasos exhalantes, cujas funcções se achavam suspensas; e restabelecendo o equilibrio entre a circulação interior e a capillar cutanea, fica esta em exercicio, e como de sentinella avançada contra o frio.

Por tão uteis effeitos phisiologicos é que os banhos de vapor prestam um grande soccorro como meio hygienico, dispondo a pelle, pelo augmento de vida e de força que lhe dão, a resistir com efficacia á temperatura do ar; e por isso mesmo, longe de se constipar o corpo com mais facilidade, como acredita o vulgo, muito menos sujeito fica a isso depois do banho de vapor. E quando todas estas rasões não bastassem para convencer os espiritos obtusos, bastaria a experiencia confirmada por mim, e por todas as pessoas que no meu estabelecimento têem tomado banhos de vapor, e que d'elles andam fazendo uso, cujas observações são diariamente por mim colligidas, para demonstrar a efficacia de similhante remedio. Contra factos não se argumenta; só ha direito a pedir a rasão d'elles, e essa fica expendida com a clareza que um pequeno artigo póde admittir.

Muitas são as doenças que pelo methodo fumigatorio, e vaporatorio, se pódem curar; entre ellas farei menção das seguintes: rheumatismo, gota, molestias de pelle, escrophulas, paralysia, asthma, tosse convulsa, e outras, constipações, suppressão de menstruação, etc. etc.

Nilo. (2)

SERÃO CONVENIENTES AS LEIS QUE PROHIBEM A EXPORTAÇÃO DE DINHEIRO DE PORTUGAL?

INGLATERRA. PORTUGAL.

77 Não julgamos necessario entrar em grande discussão, nem revolver os escriptos

(1) Veja-se o nosso artigo 27 do presente volume.

(2) Os acreditados banhos de vapor do Snr. Dr. Nilo, são na Rua do Principe n.º 32. Veja-se a respeito d'elles o nosso artigo 50 do primeiro volume.

de economistas antigos e modernos, para resolver uma questão, que peremptoriamente decidem o bom senso, as conveniencias do nosso paiz, e o que n'outros se pratica. Todos n'ella são interessados, pois he o dinheiro o primeiro elemento das transacções, e indispensavel para fomentar a agricultura, as artes, e o commercio.

Nenhuma lei, d'entre as innumeraveis que desde 1834 têem sido promulgadas, tocou ainda nas que prohibem a exportação da moeda, o que se deve sem duvida ao preconceito e apego a velhas e caducas maximas, e á intima persuasão de que o dinheiro não sahirá em quanto for prohibido exportal'o. Assim será; mas o resultado immediato, e o que de ha muitos annos a esta parte se vê é que a moeda d'ouro e prata se reduz a barras pelos especuladores, e assim vem igualmente a desapparecer o numerario d'entre nós. Os entendidos em commercio e economia politica sustentão que, se não fosse a prohibição, muita da moeda exportada tornaria a entrar qnando os estrangeiros regressassem a nossas terras, ou mandassem comprar nossas mercadorias, o que não acontece levando-se o ouro ou prata em barra, que não torna a apparecer. Assim se vê o Thesouro frequentemente obrigado a cunhar dinheiro, o que induz em despeza, e trabalho, em parte superfluos. Não falta quem haja observado que muitos duros hespanhoes que andavão na circulação em Portugal, e a que se pozera um signal particular (que presumimos ser as nossas armas reaes em ponto pequeno), passaram a Hespanha, e voltaram para cá, o que presuppõe diversas transacções lucrativas.

Se as idéas de conveniencia nacional que acabamos de expender, carecessem de exemplos, nas ultimas folhas inglezas do mez passado achariamos um. Dellas consta que só do porto de Londres excedeu a exportação de metaes preciosos em 1841, 6,544 onças de moeda d'ouro, 7:373,303 onças de moeda de prata, e 1:903,726 onças de prata em barra. Assim pois, de todas as nações do mundo aquella em que mais prospéra talves a agricultura, o commercio, e as artes, não recêa que lhe exportem o dinheiro, porque sabe que muito d'elle alli tem de regressar. Portugal e Hespanha são talvez os unicos paizes em que vigorem essas velhas e improvidentes leis que prohibem a exportação do dinheiro.

C. X. P. B.

PROCESSO ELECTRO-CHIMICO PARA DOURAR A PRATA E O LATÃO.

FRANÇA.

78 Sabido é de todos, que para dourar latão ou prata serve de intermedio o mercurio: depois de perfeitamente limpa a superficie da peça que se pertende dourar, estende-se sobre ella a amalgama d'ouro, e aquece-se a peça afim de evaporar o mercurio, e ficar o ouro fortemente agarrado á dita superficie; em seguida trata-se de dar-lhe a côr e brilho necessarios por meio d'operações chimicas, ou mechanicas.

Os gravissimos inconvenientes que aos douradores resultão do emprego de similhante processo, obrigaram varios sujeitos, em quem se não achava amortecida a beneficencia e philantropia, a curar dos meios de remediar, e prevenir, os funestos resultados da atmosphera de vapores de mercurio, em que aquelles artifices se viam constantemente mergulhados; d'entre elles, se avantajou um rico dourador de bronze, por nome Ravrio, que por sua morte legou á Academia Real das Sciencias de Paris 3,000 francos, para serem dados em premio a quem descobrisse um meio de livrar os douradores da insalubridade das emanações mercuriaes: D'Arcet, chymico distincto, foi o afortunado a quem tocou a gloria de prestar tão relevante serviço, inventando uma fornalha, com sua chaminé construida d'um modo particular, afim d'estabelecer uma fortissima corrente d'ar, alem d'outros muitos conselhos e lembranças proveitosissimas.

Por muitas vezes se ha experimentado com o mesmo intuito — dispensar o emprego do mercurio — já fazendo a applicação directa do ouro em pó, ou em folhas mui delgadas, por meios mechanicos, já usando de soluções ethéreas d'ouro, que se estendem sobre os metaes (é assim que se doura o ferro e aço), já finalmente mergulhando o metal em soluções d'ouro o mais neutras possivel; porém infelizmente por estes processos não se conseguem os fins propostos, e só se empregão mais vezes, quando (como no ferro) se não póde usar da amalgama.

O conhecimento das propriedades das correntes electricas fez lembrar a alguns chymicos a possibilidade de fazer applicação d'ellas a um novo processo de dourar; e d'estes o que mais assiduamente se ha dado a similhante tarefa é indubitavelmente De la Rive, que, depois de muitas tentativas, fundado em alguns factos interessantes, descobertos por Bec-

querel, achou um methodo para dourar os metaes, livre dos riscos que o emprego do mercurio trazia comsigo: d'esses factos, uns consistião na acção das correntes electricas fracas para obter decomposições, e mesmo formação de novos compostos, outros no uso de diaphragmas de bexiga ou de tripa, para separar as dissoluções que devem ser atravessadas successivamente pela corrente, sem que se misturem. Pelos primeiros reconheceu que, para fazer chegar o ouro, molecula por molecula, á superficie que se pertendia dourar, era melhor valer-se de correntes fracas; pelos segundos conseguiu evitar um inconveniente que, em tentativas anteriormente feitas, havia já notado como obstaculo desanimador; consistia em alterar-se o objecto que se queria dourar, e em impedir a adherencia do ouro a elle.

O novo processo que actualmente emprega, e que na prática tem sido seguido de bellissimos resultados, é o seguinte. Mette-se a peça de latão, ou de prata, n'uma dissolução de ouro mui diluida, que deve estar dentro d'uma especie de saco feito de bexiga, ou de tripa de boi; este saco é preciso que tenha estado cheio d'agua antes de servir, afim de lhe dar flexibilidade, e ver-se que não está rôto. Depois de lhe ter deitado dentro a dissolução d'ouro, colloca se n'um vaso, ou capsula de vidro, que contenha agua acidulada com algumas gottas d'acido sulfurico ou hydrochlorico, e mergulha se n'esta uma lamina de zinco, á qual se póde dar o feitio de cylindro, que se põe por fóra da bexiga; esta lamina de zinco communica, por meio d'um fio metallico, com a peça que se pertende dourar, e assim obtem um elemento voltaico, em que a dita peça faz o papel de polo negativo; a corrente electrica a que este par de metaes dá logar, é bastante para decompôr a dissolução d'ouro, e para que este se deposite sobre a superficie do metal que está mettido nessa dissolução, vindo o zinco a dissolver-se na agua acidulada, sem que haja mistura entre dois liquidos, o que é devido ao diaphragma da bexiga. Em muitos casos a agua acidulada é que se deita dentro da bexiga, ficando a dissolução d'ouro no vaso; mette-se então um cylindro de zinco na agua, e a peça na dissolução; o resultado é o mesmo que no caso antecedente. Por este ultimo meio consegue-se dourar por dentro um copo de prata, que neste caso faz as vezes do vaso de cristal, com a differença de que é preciso pôr o copo de prata em communicação com o zinco por meio d'um fio metallico.

Pelo processo que deixamos mencionado, tem De la Rive conseguido dourar com facilidade, e perfeição, e livre de perigo, peças de latão e de prata; tão feliz porém não tem sido com o ferro, pois que todas as tentativas feitas para esse fim hão sido infructiferas, vendo-nos por isso na precisão de continuar a doural'o pelo methodo das soluções ethereas d'ouro, emquanto os esforços deste illustrado chimico nos não abrem outra via, pela qual mais facilmente possamos attingir o alvo a que nos propomos.

Consta-nos que este processo fôra já experimentado pelo Snr. Julio Maximo d'Oliveira Pimentel, Lente de Chymica na Eschola Polytechnica de Lisboa, e que por elle obtivera resultados analogos aos preconisados por De la Rive.

A. J. de S.

ACÇÃO DO COBRE SOBRE A TINTA D'ESCREVER ORDINARIA.

BENGALA. CALCUTA. PARIS.

79 HA pouco succedeu em Bengala um caso bastante notavel e curioso, relativo aos effeitos das misturas salinas do cobre com a tinta d'escrever ordinaria. O banco de Bengala remetteu ao Secretario da Sociedade Asiatica de Calcuta tres bilhetes, por via de um Indio; chegão os bilhetes sem numeros nem firmas; protesta o homem que não póde comprehender como tal se fizesse, pois quando partiu para uma fazenda sua, os havia deixado dentro d'uma caixinha de cobre, tendo antes tomado nota dos numeros e valores, e depois que voltou é que os achou alterados por aquella fórma. O secretario do banco não queria dar credito a esta historia maravilhosa, pois que os endossos estavam perfeitamente conservados. Pensou que seria facil fazer apparecer de novo os traços da tinta, acidando levemente o papel, e tocando o sitio onde devião existir as firmas, com uma dissolução de prussiato de potassa, a qual reproduziria as letras com côr azul. O unico effeito d'este reagente foi dar ao papel uma côr de pardo acastanhado, e que indicava até que ponto o papel se havia impregnado de cobre em dissolução; e apesar de que n'um dos bilhetes se vio uma tenue côr azulada no sitio em que devião estar as firmas, assim mesmo não foi possivel perceber vestigio algum nem de letras, nem de numeros. Era pois evidente que uma dissolução de cobre levára o ferro que entra na composição da tinta ordinaria, ao passo que o cobre se depositava substituin-

do aquell'outro metal, por modo que não deixou vestigios de ferro, sobre que podesse actuar o prussiato de potassa. Para demonstrar isto com todo o rigor, tomou o Secretario uma folha de papel escripta com tinta mui preta, havia já muitos annos, e metteu-a entre duas laminas de cobre bem limpas e desoxydadas, e fez passar por ellas uma corrente d'agua acidulada; passados dois minutos, já toda a tinta havia desapparecido, e não se produzia mancha azul alguma com o prussiato de potassa. Em experiencias identicas feitas com a tinta dos Indios (que é formada de certos vegetaes carbonisados), ficou esta intacta, bastando misturar certa porção d'ella com a tinta ingleza, para impedir a destruição dos caracteres que se traçassem. Este methodo é mui simples, e analogo ao que se emprega para escrever os rótulos chimicos.

O acontecimento que deu logar a estas investigações, não parece ser o primeiro no seu genero. Ha annos que um pobre peregrino Indio teve a precaução de metter n'uma caixa de cobre os bilhetes do banco, que para maior segurança costumava levar sempre comsigo; foi a Djaggernat tomar banhos de mar, e quando voltou achou os bilhetes todos borrados, de fórma que o banco lh'os não quiz aceitar.

Sabe-se que na Europa a facilidade d'alterar as escripturas publicas por meio de reagentes chimicos tem dado serios cuidados. Havendo o governo francez consultado a Academia das Sciencias de Paris sobre este importante assumpto, indicou esta como meio d'impedir similhante fraude, o emprego d'uma tinta indelevel para todos os documentos publicos, e uma das receitas que deu, parece-se muito com a que havemos apontado mais acima: consiste em misturar uma porção de tinta da China com a tinta ordinaria. Outra composição muito melhor é a suspensão da tinta da China no acido hydrochlorico diluido n'agua.

A. J. de S.

O PASSATEMPO DE UM BARQUEIRO.

PORTUGAL.

80 Quereis ver o delicado trabalho, que executa a mão adusta de um pobre barqueiro, nas horas vagas de seu penôso mistér? Procurai no Largo do Pelourinho, na loje de um barbeiro, se nos não deram errado o nome, Christovão, o fazedor de leques de páu. A Redacção da *Revista Universal* fica de posse de um exemplar deste trabalho. E' uma hastilha de madeira de pinho, transformada, a processo de agua, e de ponta de canivete, ou navalha, em um leque de mui engraçado feitio.

Parte da hastilha é com todo o esmero reduzida á figura de um leque fechado; depois partida em varetas delgadinhas, que se abrem obliquamente sobre o seu eixo inteiriço e chato, e ficão coroando o resto sólido, que lhes serve de cabo. Este é ainda mui tôsco: dando-se-lhe a perfeição de que é susceptivel, e submettendo-se estes objectos á acção de um colorido que lhes fosse proprio, talvez se não julgassem de todo indignos de apparecer nos passeios das nossas elegantes; ao menos por homenagem á industria Nacional, que tão desprezada vai.

O rude artista vende os seus leques pelo módico preço de 50 a 80 réis. Que habil professor perdeu a esculptura! Quantos engenhos não deixa a má fortuna desconhecidos! Bem sabe o mesquinho barqueiro, se alguem que sente o coração repassado de mágoas, o aponta no meio das turbas, com indizivel affeição!... Elle sim!...

Em quanto a torrente das ambições se despenha, e rola com todo o seu aggregado de males, pelo grande mundo, como rolão as ondas furibundas no largo occeano, por uma noite de tempestade, elle invulneravel ás aguilhoadas do orgulho, humilde remador do bonançoso Tejo, desfructa a paz da innocencia, na sua posição obscura. Quantas vezes, ao fadigoso menear dos rêmos, se cravaram seus olhos em melindrosa mão, que agita defronte delle o fragil modêlo de suas obras? Conhecemos enthusiasmo de artistas, porque tambem o somos; e professamos decidido amor por tudo o que de bom dá a nossa terra.

Maria J. S. C.

MAGNETISMO ANIMAL.

INGLATERRA. FRANÇA. PORTUGAL.

81 No ultimo numero da *Revista Litteraria*, do Porto, se nos depára um artigo sobre este objecto, de que extrahimos a maior parte, referindo-nos ao que sobre o mesmo assumpto dissemos em os artigos 31 e 66 d'este volume.

» Este seculo XIX é um seculo d'apostasia e de renegados. A philosophia do seculo passado, livre e arrogante, chamou ao tribunal da discussão e do exame todas as idéas ve-

lhas; e condemnou-as uma por uma: foi pyrrhonica, incrédula e intolerante, em vez de ser eclectica, como lhe cumpria. Pouco importava porém que isso acontecesse, se o mundo intellectual, o mundo dos Lyceus, das Academias, e dos Gabinetes, não fosse como um planeta maior, que arrasta o seu satellite, — o mundo material: effectivamente a obra abstracta dos philosophos reflectiu-se sobre as massas populares, e estas a traduziram em pratica. A revolução franceza foi o resultado da lucta de morte que havia travado a nova com a velha philosophia; os combustiveis já havia muito que ardião solapadamente, e agora a compressão não faria mais do que accelerar a crise; era inevitavel que essa cratéra abrisse as suas cem bocas para vomitar a lava negra, que lá tinha fermentado por tanto tempo. Esta revolução é, como aquella torre de caveiras dos 1:500 Servios, um marco que divide duas epochas, as quaes, sendo tão proximas para o chronologo, offerecem, pelo contrario, ao historiador philosopho, caracteres e feições muito diversas e oppostas; porque foi então que os homens fizeram voto de abjurar todas as idéas, tradições, e costumes, que herdaram de seus avós. De certo o que nós hoje vemos, e fazemos, a muitos respeitos, é o avêsso do que viram e fizeram os homens das eras que já lá vão. O madeiro da cruz era d'antes o arrimo dos fracos, e os desconsolados iam sentar-se á sombra desta arvore, e achavão lá refrigerio e conforto; a religião era a arca santa e o asylo aonde se iam abrigar do tumultuoso diluvio das paixões os *puros e impuros*: hoje nem a cruz é symbolo de consolação e d'esperança, nem a religião é invocada em horas aziagas e de desventura. Os homens d'outro tempo, imitadores de Salomão, erigião templos sumptuosos para ahi offerecerem a Deus fervorosos sacrificios d'oração e incenso; hoje póde dizer-se com o mavioso Jeremias « *Viæ Sion lugent, eo quod non sint qui veniant ad solemnitatem......, Dispersi sunt lapides sanctuarii in capite omnium platearum.* » Antigamente havia homens *d'antes quebrar que torcer*: hoje os homens especulam, e commerceiam, com as suas consciencias e opiniões; e não se lhes dá de venderem este dote inalienavel a troco de preço vil e infame. D'antes, nós, os Portuguezes, sulcámos mares tormentosos, dobrámos cabos que ninguem ainda tinha transposto; fomos hastear a cruz e as quinas nos coruchéus das mesquitas, rasgámos o Alcorão, e o substituimos pelo Evangelho, fomos temidos, respeitados, e admirados; hoje, *proh'dolor*!! somos o ludibrio, e objecto de motejos e de baldões daquelles mesmos que já experimentaram a força do nosso potente braço; as quinas lusitanas, esse talisman que fazia render praças, castellos, e exercitos, hoje estão esmigalhadas; nações, ora mais felizes do que nós, as derrubaram; a nação portugueza é uma Niobe solitaria vestida de dó; já trajou manto recamado d'ouro e diamantes; hoje apenas tem uns esfarrapados andrajos, que mal a abrigão do frio, e, o que mais é, falta-lhe um véo para encobrir ao mundo a sua vergonhosa prostituição......

Mas aonde nos leva a nossa phantasia? é verdade, ainda agora reparamos que nos tinhamos desviado do assumpto; assim mesmo o que fica dito não é fóra do nosso proposito: nós queríamos provar com factos que a epocha actual desdiz muito da passada; muito de certo: a religião deu a sua vez á politica, o patriotismo ao egoismo, a credulidade ao scepticismo; sumiram-se as idéas romanticas e briosas da cavallaria; houve em fim um turbilhão que arrastou e desfez tudo quanto era venerando e velho. Mas qual seria essa idéa primordial e geradora de tamanha revolução? era esta: os homens pertendião, segundo a phrase do illustre Bacon, reconstruir tudo *ab imis fundamentis*; e então principiaram por derribar tudo; tudo, dizemos nós, porque a demolição não se circusmereve só ás sciencias moraes e metaphisicas; as naturaes tambem a experimentaram; e para estas nada influio tanto como o descobrimento do celebre Volta. Este insigne italiano achou que a electricidade explicava muitos dos phenómenos até então reputados sobrenaturaes, ou pelo menos fóra do alcance da rasão e do poder humano: parecia pois que estava chegado o tempo de os *mesmerianos* serem cridos; todavia não succedeu assim; ácerca do *magnetismo animal* reinão ainda, como d'antes, a incerteza, a duvida, e a preplexidade; tinham-se mettido a ridiculo os *magos*, as *bruxas*, as *feiticeiras*, o *sortilegio*, as *adivinhas*, *as provas de fogo*, e o *máo olhado*, os *philtros*, e os *encantos*; já se não consultavão os *aruspices*, nem os *astros*, nem as *pythonisas*; a philosophia moderna tinha repudiado todas essas crenças, para desposar o principio de que o *tangi* e o *tangere* era o meio exclusivo dos corpos se influenciarem; e então, para não ser contradictoria, cumpria-lhe repudiar tambem o *magnetismo*; mas, por uma inexplicavel, e, por ventura, não cuidada contradicção, pairou incerta e fluctuante sobre este ponto, que resumia em si

tantos segredos e tantas maravilhas; pois, segundo a tendencia que levavam as idéas, havia sobrados motivos para o anathematisar, porque o *magnetismo* tinha resaibos de espiritualidade; e, de mais a mais, tinha sido annunciado por um jezuita.

Mas fosse lá pelo que fosse, talvez pela influencia mesmo do magnetismo, tratou-se d'averiguar este problema: nomearam-se commissões; multiplicaram-se ensaios; e no fim de tudo a questão ficou obscura como d'antes; ha panegyristas, e reprovadores; e assim estes como aquelles prevalecem-se de rasões especulativas, e de factos, que se respondem e destróem mutuamente; ambos os partidos contão em suas fileiras alguns nomes respeitaveis: Mr. Rostan é hoje um dos defensores do magnetismo, e note-se que n'outro tempo este homem foi tambem dos incrédulos; mas rendeu-se, diz elle, á força dos factos, e das experiencias, suas e alheias: foi como S. Thomé. Se todos imitarem este enthuziasta da medicina organica, se as experiencias se forem multiplicando, e nellas houver criterio, despreoccupação, e boa fé, a questão hade, senão resolver-se, pelo menos elucidar-se muito.

Nós cá, os Portuguezes, já se sabe, não nos daremos a essas experiencias; estamos á espera do que virá lá de fóra, porque temos a mania d'andar ao socairo dos estrangeiros: . . . . — *O nada estrangeiro estima; O muito dos seus despresa.* — (S. Machado). Pois esperem que lá por fóra alguma cousa se vai trabalhando nesta obra. Poderiamos citar os nomes d'alguns operarios, mas apenas noticiaremos o d'um, Mr. Lafontaine: este magnetisador esteve o inverno passado em Paris, onde foi muito admirado; depois trasladou-se a Londres, para ahi repetir as experiencias nas pessoas que a ellas se quizessem sujeitar; foram muitos os concorrentes; e no dia 29 de Julho é que elle mais brilhou; muitos dos espectadores, até alli incredulos, declararam, que á vista do que tinham presenciado, ficavam perplexos; e alguns, entre elles, homens de conhecimentos, manifestaram a sua confiança no *magnetismo* applicado á medicina. Mr. Lafontaine não fez as experiencias clandestinamente; foi n'um grande salão, que estava aberto aos concorrentes, os quaes foram tantos, que muitos não poderam entrar.

Oxalá que Mr. Lafontaine se dignasse de fazer-nos uma visita; estimavamo-lo cá mais do que esses pelotiqueiros, e *signores Pulcinellos* que por ahi andam; seriamos dos curiosos a ir vê-lo, só com o toque dos seus dedos pollegares, fazer dormir um somno mysterioso a qualquer pessoa; inspirar-lhe o dom da prophecia; e fazê-la vêr e ouvir pelo epigastrio. Nós, que, por ora, somos *indifferentistas* nesta questão, porque não temos bases para opinar, depois, testemunhas oculares, alguma cousa poderiamos pensar ácerca do que vissemos: entretanto sobreestamos em ajuizar; permanecendo no justo meio, porque d'um lado o magnetismo parece-nos synonimo d'arte diabolica; mas depois, lembroã-nos as palavras do illustre Rostan: « *Lorsqu' une verité nouvelle est proclamée, bien que d'abord elle paraisse hors de créance, ce n'est pas celui qui la met en lumière qu'on doit plaindre, mais bien ceux qui s'obstinent a ne pas y croire, et qui ferment les yeux pour ne pas la voir* ! »

Desejavamos que se fizessem algumas diligencias por levantar o véo que encobre este segredo: porque não o julgamos questão esteril; muito pelo contrario está ella identificada com assumptos da maior transcendencia, de historia tanto sagrada como profana, de physiologia, e de medicina.

J. S.

BIBLIOGRAPHIA PORTUGUEZA.

O CORREIO DAS DAMAS.

Jornal de litteratura e de modas pelo Snr. J. S. Mengo.

82 O gôsto á leitura das publicações periodicas é hoje por toda a Europa uma prova de civilisação. Procurai quantos jornaes se escrevem em tal ou tal paiz, investigai-lhes os assumptos, e tereis um documento seguro da actividade do espirito dos habitantes, e das suas tendencias e vocações litterarias. — Se encontrardes jornaes para as damas, conclui que tambem nesse paiz ellas prézam satisfazer o seu instincto de variedade, largando das occupações domesticas, para entreter o ocio com leituras uteis e amenas.

As bellas portuguezas não poderião deixar de ter um jornal seu. Ha seis annos que o Snr. J. S. Mengo lhes offereceu o — Correio das Damas, — e ha seis annos que este jornal é lido com gosto, e mantido por quem se préza de ser do *bom tom* em todo o Reino. Por este *Correio*, tem logo noticia das modas mais recentes, e vestuarios de melhor gosto, tanto de senhoras como de homens, por meio de duas ou mais estampas coloridas, que acom-

panhão cada numero do jornal que se publica mensalmente. — Para senhoras arranjadas, chega a ser de grande economia o assignar para este jornal. Pelo modico preço de 2$000 réis por anno, forram a entregar ás modistas francezas muito dinheiro, em cousas que tão bem como ellas, poderão fazer á vista das boas estampas; e além disso ganham o satisfazerem a sua curiosidade de andarem sempre em dia com as modas dos homens, e de terem umas poucas de paginas para as divertir instruindo-as.

O Correio das Damas entrou no setimo anno da sua publicação. Graças ao bom gosto e desvelos do Snr. Mengo, o seu jornal, tendo successivamente melhorado, apparece agora como nunca. Typo miudo, novissimo, e formoso, substituiu o antigo já cançado. As tres estampas vem magnificas; é uma para as damas; outra para crianças, e outra para os cavalheiros; esta principalmente não se póde exceder em perfeição, e propriedade de colorido, e leva a dianteira ás francezas deste genero. — São lythografadas no Largo do Quintella.

Muito louvamos ao Snr. Mengo a idéa de substituir a vinheta do rosto pela que actualmente tem; Cupido não póde estar melhor do que a cavallo n'uma borboleta, levando ás bellas assignantes o Correio das Damas.

Esta gravura em madeira não deixa de ser das que acreditam os Snrs. Bordallo e Coelho, que tão boas estampas tem publicado no Panorama.

A' redacção da folha não teceremos encomios exagerados, porque não foramos disso capazes, e nem ella, nem o illustre redactor, delles carecem. Os assumptos são proprios, e identicos aos de similhante natureza n'outros paizes; — a linguagem é pura e limpa, que nisso, como em tudo mais, se esmera o Snr. Mengo.

Prosiga elle com a sua tarefa tão bem executada, e gratifiquem o seu trabalho muitas leitoras amaveis e bellas, ás quaes o recommendamos.

V.

Sahiu á luz o 1.° volume do Supplemento á Collecção de Legislação Portugueza do Desembargador A. Delgado, pelo mesmo: comprehende os annos de 1750 a 1762. Seu preço 5$500 réis nas lojas do costume, e para os Assignantes 4$000 réis em a residencia do Redactor.

— Acaba de se publicar a interessantissima obra que tem por titulo — Compendio Pratico de Manobra, que ensina as principaes evoluções maritimas, e tracta das construcções m ais importantes para salvação das guarnições, e effeitos' de qualquer navio em perigo. — Composto por Faustino José Marques, mestre de apparelho e manobra, da companhia dos guardas marinhas; o qual se offerece tambem, para construir em ponto pequeno, tanto o modêlo d'hum Leme que governe de Cana e Roda, sem os perigos de se lhe cortarem as Arridas, como o d'uma Esparrelia que governe com a Roda do Leme, tudo do modo que explica o citado Compendio, e por pequenas gratificações. Para este fim, o Auctor se acha na sala do Risco do Arsenal de Marinha, em todos os dias uteis, desde as 9 horas da manhã até ás 2 da tarde, e nos feriados, em sua casa na Rua da Saudade n.° 11 A, 1.° andar.

A empreza da traducção da Administração do Marquez de Pombal, de que já se tem publicado quatro folhetos julga dever prevenir os senhores assignantes, que inesperadas circumstancias são a causa de que se suspenda momentaneamente a publicação da dita traducção.

Adverte comtudo aos ditos srs. de que não será longa a interrupção, e que cessando as causas que para isso contribuem sahirá semanalmente como nos prospectos se prometteu. As pessoas que pertenderem assignar o podem fazer no escriptorio da rua de St.ª Martha n.° 23 na, sobre-loja, pessoalmente, ou por carta franca de porte.

FRANCEZA.

83 Phisiologia do Caçador, por Deyeux.

Phisiologia do deputado, por Bernad.

Escolha dos melhores idyllios de Theócrito, che.

Collecção das obras de Silvio Pellico.

Contos d'um viajante, por M. Delatre.

Poesias fugitivas de Carlos Letellier, ou fac-simile de pessoas notaveis do departamento de *Dordogne*.

Au bord du Tage, por Paulina Flangergues.

O meio dia da alma, poesias de Hermance Lesguillon.

As mulheres da Regencia, por Paulo de Musset.

INGLEZA.

84 Manual de antiguidades christans, por J. E. Riddle. 1 vol. em 8.°

Manual de Chimica, com as descobertas novas, nacionaes e estrangeiras, nesta sciencia, por W. Thomaz Brande. 5.ª edição. 1 vol. em 8.° de 1500 paginas.

Molestias das crianças, seus symptomas, e tratamento, por A. Reel. 1 vol. em 12.

Investigações sobre a causa, natureza, e tratamento de gota. 1 vol. em 8.°

A phrenologia concorde com a sciencia e revelação, por C. Cowan. 1 vol. em 12.

Sobre a navegação por vapor, por J. S. Russell. 1 vol. em 8.°

Influencia moral das cidades, por J. Todd. 1 vol. em 18.

Historia de Ricardo coração de lião, por James, 2 vol. em 8.°

Historia constitucional de Inglaterra desde o reinado de Henrique 7.° até á morte de Jorge 2.°, por Henrique Hallam. 5.ª edição. 2 vol. em 8.°

Victorias dos exercitos inglezes, por W. H. Maxivel 2 vol. em 8.°

Usos e costumes da Sociedade na India, por Clemons 1 vol. em 8.°

16 annos no Chili e Peru, pelo Governador, que ali foi, João Fernandes. 1 vol. em 8.°

TYP. DA VIUVA DE J. A. DA S. RODRIGUES.
Rua da Condeça n.° 19.